

Dr. Jonathan Greer, Arqueologia do Antigo Testamento,

Sessão 1, Introdução à Arqueologia e ao Antigo Testamento

© 2024 Jonathan Greer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jonathan Greer e seus ensinamentos sobre Arqueologia no Antigo Testamento. Esta é a sessão 1, Introdução à Arqueologia e ao Antigo Testamento.

Saudações, meu nome é Jonathan Greer.

Eu ensino aqui no Seminário Teológico Grand Rapids. Posso ensinar Antigo Testamento, mas também tenho um interesse específico em arqueologia. E assim, tenho o privilégio e o prazer hoje de falar sobre duas coisas próximas e queridas para mim.

A Bíblia, particularmente o Antigo Testamento e a arqueologia. Portanto, também tenho alguma experiência não apenas no ensino do Antigo Testamento, mas também na área. Participo de escavações em Tel Dan, no norte de Israel, com foco particular na identificação e análise de ossos de animais ou na arqueologia de zoológicos.

Aqui no Seminário Teológico Grand Rapids, temos um laboratório onde continuamos a trabalhar com restos de fauna e ossos de animais de Tel Dan. Então, você ouvirá algumas referências a ossos de animais em nossa palestra aqui. Mas quero começar falando sobre o que é arqueologia? E então falaremos sobre o que é a Bíblia? E então veremos como esses dois se encaixam, às vezes confortavelmente, às vezes desconfortavelmente.

O que é arqueologia? Bem, só para ir direto ao que sei que todos vocês estão pensando, é isso, certo? Indiana Jones. E se você pertence a uma certa geração, tem que admitir que Indy teve uma influência sobre todos nós. Então, eu era uma criança no ensino fundamental.

Meu pai tirou um ano sabático para Jerusalém e levou toda a família. E foi logo depois que o filme foi lançado. E então, eu realmente tinha um chapéu e um chicote e estava procurando a Arca perdida no meu quintal, sem sucesso.

E então, à medida que cresci e comecei a estudar arqueologia mais profissionalmente, percebi que é muito mais nerd. Mas a boa notícia é que ninguém está atirando em você. Mas a arqueologia é muito mais nerd e muito menos glamorosa.

Na verdade, poderíamos até chamar isso de mergulho sofisticado em lixeiras. Trabalhamos com os restos materiais do passado da humanidade, basicamente revirando o seu lixo. Estamos olhando para pedaços quebrados de cerâmica.

Estamos vendo restos de ossos de animais que eles cuspiram da boca em seus enopados. Estamos olhando para os resíduos e analisando, até mesmo no nível microscópico, algumas das coisas que eles comiam. Então, estamos vasculhando o lixo dos povos antigos e tentando reconstruir, ou alguns diriam construir, os diferentes modos de vida em que eles se engajaram.

Diferentes processos mudam com o tempo. Mergulhamos em áreas da história. Procuramos recriar algumas das maneiras como os povos antigos pensavam.

Portanto, se falarmos de uma definição funcional, poderíamos dizer que a arqueologia tem basicamente três elementos. A primeira é a recuperação, a segunda é o exame e a terceira é a interpretação. Portanto, recuperação, exame e interpretação dos vestígios materiais e biológicos do passado da humanidade.

Hoje, a arqueologia é um empreendimento interdisciplinar. Longe vão os dias, especialmente na arqueologia bíblica, em que se teria apenas a Bíblia numa mão e a pá na outra. Agora, muitos arqueólogos estão empregando métodos sofisticados de registro por GPS, fotogrametria e imagens de satélite, e isso também é de alto nível.

E então, à medida que nos aprofundamos, estamos analisando não apenas potes e ossos tradicionais, mas agora temos informações que podemos extrair das ciências exatas para analisar em um nível ainda mais específico. Então, na cerâmica, por exemplo, podemos dizer pela análise dos resíduos o que foi cozido naquela panela. Quando falamos de ossos de animais, podemos pegar um dente e, por meio de análise isotópica, dizer onde aquele animal pastou durante sua vida.

Os dentes, como as árvores, assumem anéis ou acréscimos de camadas que podem ser analisados. Com base nos tipos de plantas existentes em determinadas regiões, podemos descobrir a história de pastoreio deste animal até a hora de sua morte. Também podemos procurar resíduos no solo em busca de fitólitos, de diferentes elementos minerais que podem nos dizer algo sobre os processos que ocorreram naquele espaço há muito tempo.

Métodos sofisticados de namoro. A datação por radiocarbono ainda é o nosso método de datação mais sólido para observar restos materiais ou orgânicos, especificamente deste período histórico, dos períodos históricos da Bíblia. Agora, temos que lembrar também que a arqueologia é uma disciplina relativamente recente.

Só começou numa espécie de fase especulativa em 1700 e realmente se desenvolveu mais em meados de 1800. Hoje em dia é muito diferente do que se pratica hoje. Foi essencialmente uma caça ao tesouro glorificada.

Portanto, houve muita excitação no mundo ocidental com a decifração dos hieróglifos. Pouco depois disso, algumas décadas depois, a decifração da escrita cuneiforme desbloqueou a língua acadiana e outras. Durante esta fase, você teria patronos ricos que pagariam pelas escavações para saquear os tesouros do mundo antigo e trazê-los de volta aos seus museus ou mansões.

E quando os objetos são removidos do seu ambiente físico, perdemos muitos dados. Portanto, herdamos esse legado de caça ao tesouro até hoje, à medida que o mercado de antiguidades cresce. E quando olhamos para a instabilidade política em certas regiões das terras bíblicas, verificamos um aumento no comércio de antiguidades.

Então, herdamos esse tipo de legado de caça ao tesouro. Também vemos esse legado de caça ao tesouro de uma forma um pouco diferente em muitos contextos de fé, onde em vez do tesouro do ouro de Tutancâmon, o tesouro é algum tipo de forma de provar a Bíblia, que encontramos alguma pepita que vai dizer veja, a Bíblia é verdadeira. E as multidões fluirão para a fé.

Falaremos sobre isso daqui a pouco, mas não acho que essa seja a melhor abordagem para a arqueologia. Portanto, queremos estar atentos aos modos de caça ao tesouro na arqueologia de hoje. Então essa é uma breve descrição do que é arqueologia.

Então agora aqui estamos falando sobre a arqueologia bíblica e a Bíblia ou o Antigo Testamento, a Bíblia Hebraica. Já conversamos um pouco sobre o que é arqueologia. Então, vamos agora fazer a pergunta: o que é a Bíblia? O que é a Bíblia? Bem, em primeiro lugar, falamos dele como um livro, mas na verdade é uma coleção de escritos antigos que foram preservados em formas muito posteriores.

Então, para aqueles de nós que trabalham no mundo antigo, há muita discussão e debate sobre a datação de certas tradições e certos textos, mas muitos de nós que trabalhamos no mundo antigo; é muito difícil ler a Bíblia e não ver o mundo antigo em todos os lugares. Na verdade, quanto mais estou imerso no mundo antigo, mais me convenço de que a Bíblia se adapta perfeitamente a esse mundo. Mas a Bíblia, é claro, é muito mais do que uma coleção de documentos antigos.

Para nós, que fazemos parte de comunidades religiosas, afirmamos que isso é cânon. Isto é inspirado. Esta é a palavra de Deus.

Isto é único. Este é um livro ou uma coleção de livros como nenhum outro. Mas também afirmamos que, embora Deus esteja neste processo e através dele, ele é em grande parte uma composição humana.

É Deus trabalhando nos seres humanos e através deles em seus contextos particulares. Portanto, quanto mais compreendermos o seu mundo e o seu contexto, mais claramente poderemos compreender a mensagem da Bíblia. Temos que reconhecer que a composição e formação da Bíblia são processos complicados.

Tenho certeza de que é porque os humanos estão envolvidos, mas isso ocorre durante um longo período de tempo. Temos acréscimos, temos edições, temos atualizações. Isto não é algo que deveria ser ameaçador para nós que fazemos parte de comunidades de fé, mas antes, são ilustrações da natureza contextual de quem Deus é.

Ele está trabalhando nas pessoas e através delas em seus mundos. Esta Bíblia é um documento dinâmico, pois continua dentro destas comunidades de fé no mundo antigo e hoje. Agora, a maior coisa que precisamos lembrar quando falamos sobre a Bíblia no que se refere à arqueologia ou à arqueologia é que, em última análise, a Bíblia não pretende ser algum livro de história ou manual de ciência ou qualquer coisa do tipo, mas sim trata-se, em última análise, de Deus e do seu povo.

É uma descrição de quem é Deus, descreve seu caráter, descreve seu relacionamento com seu povo, e esse é o enredo principal. E isto é difícil para nós nos contextos ocidentais, chamados modernos, pois muitas vezes pensamos que a história informa a história. O objetivo final é algum tipo de reconstrução histórica.

Bem, no mundo antigo, os factos históricos, como poderíamos chamá-los, funcionam ao contrário. Eles informam a história em vez de a história informar a história. Portanto, precisamos ter isso em mente ao consultar a Bíblia.

E acho que um grande exemplo disso é falarmos dos Omrides no século IX aC. Sabemos muito sobre os Omrides, relativamente falando. A dinastia mais poderosa do reino do norte, dominando em grande parte Judá ao sul, faz alianças de casamentos mistos com a costa fenícia.

Temos grande poder militar e grandes atividades de construção. Os Omridas eram uma força a ser reconhecida, tanto que Acabe era membro de uma coalizão que deteve o rei neo-assírio, Salmaneser III, em uma batalha muito famosa, historicamente falando, a Batalha de Qarqar, 853 aC.

E Acabe montou o corpo de carros mais forte. E as carruagens são como os tanques do antigo Oriente Próximo. Este é um empreendimento militar formidável.

E a coligação consegue, por algum tempo, impedir o grande ataque da Assíria. E você se lembra dessa batalha, certo? Na Bíblia, você se lembra disso? Não, essa é uma pergunta capciosa. Não está aí.

Portanto, isto ilustra o ponto que pode ter sido uma das maiores vitórias militares do histórico Rei Acabe, mas isto não interessa à Bíblia. A Bíblia está muito mais preocupada com a lealdade ou falta dela a Yahweh. Portanto, esta é uma ilustração que devemos ter em mente de que a Bíblia é, antes de mais nada, sobre Deus e seu povo.

Então agora falamos sobre o que é arqueologia. Já conversamos sobre o que é a Bíblia. Como eles se encaixam ou eles se encaixam? Então, vamos agora fazer a pergunta: o que é arqueologia bíblica? E temos que reconhecer que temos alguma bagagem com esta questão.

A bagagem da arqueologia, da ARK e da apologética, não no sentido geral da palavra, mas no sentido específico da palavra, onde as pessoas tentarão usar a arqueologia para provar que a Bíblia está certa. Então, você vê aqui uma imagem que me foi enviada ou encontrada na internet. Muitas vezes ouço esse tipo de coisa quando as pessoas descobrem que trabalho com arqueologia.

E aqui está. Esta é a prova dos Nephilim bíblicos, esses gigantes da antiguidade descritos nos primeiros capítulos do Gênesis, onde temos a coabitação de seres divinos e humanos. E então, veja, houve um enterro que foi descoberto, e eles são gigantes, exatamente como a Bíblia diz, e isso prova que a Bíblia está certa.

E há uma grande conspiração tentando encobrir isso por parte de pessoas que trabalham com arqueologia profissional. Bem, deixe-me apenas dizer que não existe tal conspiração. Eu trabalho nessas áreas.

Eu participo destas conferências e destas conferências, destas sociedades, elas não trabalham de forma a manter a verdade afastada. Na verdade, é exatamente o oposto. Este é o princípio da responsabilização, onde pessoas que têm formação para avaliar reivindicações e reivindicações específicas são apresentadas a esses indivíduos, e nós, como comunidade, avaliamos a validade dessas reivindicações.

Acredite em mim, se houvesse sepulturas gigantes, os arqueólogos, independentemente de sua fé ou credo, estariam entusiasmados para escavar essas sepulturas gigantes. Mesmo assim, mantém seguidores muito populares na internet e na cultura pop. E você já ouviu a história, não acredite nos especialistas. Eles estão tentando tirar a validade da Bíblia ou algo parecido.

A Arca de Noé foi encontrada não sei quantas vezes. Há uma aventura que aparentemente foi encontrada, não apenas a Arca de Noé, mas a Arca da Aliança,

bem como a identificação de Sodoma e Gomorra e o local da travessia do Mar Vermelho. Essa é uma carreira e tanto.

Então, novamente, se alguma dessas coisas for descoberta, rodas de carruagens no fundo do Mar Vermelho, apresente-as àqueles que são treinados para avaliar essas afirmações. Não há nenhuma conspiração, mas sim, são pessoas que, bem intencionadas ou não, estão tentando ajudar Deus. Então, não sei quanto a você, mas não acho que Deus precise de ajuda, principalmente quando se trata de desonestidade.

Então, e se isso não é arqueologia bíblica, o que é então arqueologia bíblica? Bem, é a arqueologia que tem interesse bíblico. Isso significa que temos um foco cronológico particular e também um foco geográfico particular. Portanto, nosso foco cronológico está em algum momento da Idade do Bronze Final.

Então, isso seria dos séculos XV e XIV. Alguns começariam mais por volta do século XII, esta transição entre a Idade do Bronze Final e a Idade do Ferro I. E então iria, se incluirmos a arqueologia do Novo Testamento, iria para o primeiro ou segundo século da nossa era comum. Portanto, temos um quadro cronológico que circunda a parte principal da história da Bíblia que pode ser acessível através da arqueologia.

Então isso aconteceria quando tivéssemos o povo de Israel no cenário mundial. Também temos um foco geográfico, que seria o antigo Levante ou Levante Meridional. São hoje as regiões do moderno Israel, Palestina, Egito, Jordânia, Líbano, Síria e Iraque.

Poderíamos continuar a expandir isso novamente para os tempos do Novo Testamento em todo o Mediterrâneo. Portanto, temos um enfoque cronológico particular e um enfoque geográfico particular que define a arqueologia bíblica. O uso da Bíblia na arqueologia bíblica é, adivinhe, um tanto debatido.

Digo o tempo todo aos meus alunos que se isso tem alguma coisa a ver com a Bíblia, é discutível. E você coloca a arqueologia na mistura, e é ainda mais verdade. Portanto, temos uma grande variedade de opiniões sobre como a Bíblia pode e deve ser usada.

Alguns sugeririam que a Bíblia contém muitas informações históricas. Outros sugeririam que a Bíblia contém informações históricas mínimas. Então, isso foi um tanto caricaturado nos debates da década de 1990.

A maioria das pessoas não usa mais esses termos da mesma forma, mas para falar de maximalistas e minimalistas. Maximalistas seriam aqueles que sugeririam que a Bíblia contém muitas informações históricas. Eles ainda permitem nuances,

especialmente em gênero e outras coisas, mas temos muita informação histórica na Bíblia.

Então, dizem os maximalistas. Os minimalistas, por outro lado, sugeririam que não, na verdade, a Bíblia é o produto na sua forma mais extrema do período helenístico. Esse é o período que se segue a Alexandre, o Grande.

Então, estamos falando aqui do século IV e até mesmo dos séculos III e II, quando teremos mais tarde, no século II, um renascimento do nacionalismo judaico sob os Macabeus, a dinastia Hasmoneu. E então eles estão recriando seu passado. E assim, temos uma composição do período helenístico que está a imaginar o passado para criar uma espécie de carta nacional.

Isso estaria em sua forma mais extrema. Assim, quando lidamos com períodos anteriores ao período helenístico, que é a grande maioria do Antigo Testamento, encontraríamos muito pouca informação de valor histórico. Como eu disse, isso reflete o tipo de dicotomia de algumas décadas atrás.

Agora, mais pessoas reconhecem que há uma tensão entre estes pólos e tentam viver nessa tensão e ser críticas tanto no nosso exame dos textos, como também no nosso exame da arqueologia. Então, falaremos sobre isso daqui a pouco, mas nem o texto nem a arqueologia falam por si. Tive um ex-professor que costumava brincar que não se tira um pote do chão e ele não começa a falar com você, a contar o que é e a contar sua história.

Portanto, queremos buscar uma integração responsável de uma variedade de conjuntos de dados. Então, queremos olhar os textos com muito cuidado. Queremos olhar o material arqueológico com muito cuidado.

Queremos trazer o máximo possível de lentes para os textos e a arqueologia e examiná-los criticamente. Agora, uso a palavra crítico no sentido de ser cuidadoso e objetivo, não em termos de espírito crítico, dizendo que há algo errado e ruim com o texto ou há algo errado e ruim com a arqueologia. Em vez disso, queremos envolver cuidadosamente esses diferentes conjuntos de dados com todas as ferramentas que temos à nossa disposição.

Então, o que acontece? Quais são os resultados desta integração? Se pegarmos na Bíblia e na arqueologia e agora definimos o que é a arqueologia bíblica, arqueologia com limites cronológicos e geográficos, agora o que acontece quando juntamos tudo isso? Quais são os resultados? Bem, aqui estão os resultados. Uma citação que colocarei aqui de John Currid no ESV Atlas. Quanto à influência do estudo arqueológico na confiabilidade histórica da Bíblia, qual tem sido o resultado de muitas décadas de investigação arqueológica? A resposta é simples.

A arqueologia sempre apoiou e confirmou o registro bíblico. Então aí está. Mas aqui está uma segunda citação escrita ao mesmo tempo por Bill Deaver.

Hoje, a arqueologia, longe de confirmar a base histórica destes temas, que são os principais movimentos bíblicos, minou quase todos os acontecimentos. O que? Eles estão cavando em buracos diferentes? O que está acontecendo aqui? Bem, reconhecemos agora que, em primeiro lugar, as evidências arqueológicas são parciais. Em segundo lugar, necessita de interpretação.

Então, não sei se muitos de nós, mesmo aqueles que trabalham com arqueologia, já consideramos o quanto se perde. Então isso, para quem trabalha com ossos de animais, é muito claro. Você começa com um animal vivo que é então abatido para consumo.

Pois bem, no abate do animal, o próximo processo é o abate. Então agora podemos ter separação de certas partes da carcaça, de partes carnudas da carcaça. Depois está preparado e temos mais uma separação.

E a cada separação temos um depoimento. Portanto, podemos mandar matar o animal num local, podemos mandá-lo abater noutro, e depois podemos ter o processamento posterior num local completamente diferente, cada um daqueles que teria deixado resíduos arqueológicos. Agora, depois disso, está cozido.

A maioria das carnes era cozida em uma panela usando o método de cortar os ossos com facões ou machados. Então, você pega toda a medula e a gordura, cozinha em uma panela e depois consome. Aí você cospe os pedacinhos de osso, e depois ele vai para um monte de lixo, um monturo. Talvez seja o mesmo do lixo do açougue. Talvez seja um depoimento completamente diferente.

E então aí vêm os anos. Temos decomposição e diferentes tipos de solo que preservam diferentes ossos de diferentes maneiras. E então você tem preconceitos arqueológicos, onde cavar, quanto cavar.

A maioria dos contadores, sobre os quais falaremos mais tarde, são montes artificiais que representam civilização após civilização, geralmente apenas pequenos segmentos dos contadores são escavados. E então, quando você está escavando, você tem preconceito no que é coletado. A maior parte do material, arqueologicamente falando, nas terras das Bíblias, é colhido à mão.

Temos muitos que envolvem triagem ou peneiramento, às vezes secos, às vezes úmidos. E agora estamos usando flutuação. Também estamos analisando o nível microscópico de certas amostras.

Mas isso é tudo, cada vez que descemos, fica cada vez menos e cada vez menos. Então, a arqueologia é essa empreitada que diz muito com pouco, diz muito com pouco. Anson Rainey costumava dizer, arqueologia é, acho que ele usou a palavra ciência de cavar um buraco quadrado e fiar uma linha.

Claro, isso é cínico. Mas o que ele quer dizer é que há muita imaginação envolvida na reconstrução a partir de muito poucos dados. Penso que o aumento do emprego das ciências exatas nesta prática pode, por vezes, até criar uma falsa confiança, porque podemos trazer novas definições e precisão à nossa descrição de unidades muito pequenas de restos mortais.

Mesmo assim, precisamos lembrar o quanto se perde. Então, estamos extrapolando, na melhor das hipóteses. Estamos pegando dados e considerando-os em uma trajetória. Mas não é atirar no escuro, pois estamos fazendo isso em um contexto mais amplo.

E é por isso que mencionei no slide anterior que queremos envolver uma variedade de conjuntos de dados. Portanto, quanto mais lentes pudermos trazer para a questão, melhor compreenderemos o que estava acontecendo no passado. Dados tão parciais e complexos com os quais estamos lidando.

E depois há o grande problema, a interpretação. Todos nós realizamos qualquer tarefa interpretativa com nossos próprios preconceitos, especialmente no que se refere à história e à Bíblia. Portanto, temos preconceitos que herdamos dentro da nossa cultura.

Temos aqueles que herdamos dentro de nossas tradições religiosas específicas. E uma das belezas do chamado movimento pós-moderno, e isto chegou de muitas maneiras à arqueologia e ao que é conhecido como pós-processionalismo, é que todos nós chegamos com um grau limitado de objetividade. Alguns diriam que não há objetividade alguma.

Portanto, precisamos lembrar que nós, como intérpretes, trazemos nossa própria bagagem e preconceitos interpretativos. Portanto, dados limitados e complexos que precisam ser interpretados, e você pode obter opiniões muito diferentes sobre o que a arqueologia faz e o que não faz. Então, como vamos seguir em frente? Esse é o fim da série de palestras? Podemos levantar as mãos? Dificilmente.

Então, vamos falar sobre a Bíblia e a espátula e a questão de como a arqueologia e a Bíblia se relacionam. Bem, gosto de pensar nisso em termos de três C's. E alguns outros também usaram tipos semelhantes de métodos de aplicação de diferentes conjuntos de C's.

Mas penso no primeiro C como uma relação complementar, que a arqueologia pode complementar o que pensamos que entendemos da Bíblia. Então, um ótimo exemplo disso, sobre o qual falaremos em uma próxima palestra, é a Estela de Merneptah. Data de 1229 ou 1209 aC, um hino de vitória de um Faraó, filho de Ramsés, o Grande, que fez campanha no Levante Meridional, na Palestina.

E ele afirma ter conquistado certos povos e cidades. E um desses povos que ele menciona que conquistou não é outro senão Israel. Agora, com a cronologia bíblica, isto está apenas no início da história de Israel como nação.

Então, na história bíblica, isso acontece logo depois que eles saíram do Egito. Eles estão estabelecidos na terra, mas certamente não são um. Portanto, este é um complemento incrível para o enredo bíblico, no que diz respeito a enraizá-lo no tempo e no espaço. Tem havido algum debate porque se trata de arqueologia e da Bíblia, é claro.

Mas, em geral, a grande maioria dos estudiosos considera que esta é uma correlação genuína dos restos materiais, um registo de um povo chamado Israel, no lugar certo, na hora certa, com o enredo bíblico. Agora, como as pessoas entendem isso, é claro, é muito diferente. O que é Israel? O Israel dos anos 1200 é o mesmo que o Israel dos séculos IX e VIII? A próxima menção que temos de Israel é no século IX aC.

Então, temos uma grande lacuna, o que aconteceu no meio. Mas estes são os tipos de descobertas que podem complementar a nossa leitura da Bíblia num sentido geral. Agora também temos alguns complementos de uma forma muito particular e específica.

Aqui está uma descoberta que foi bastante emocionante nos últimos anos. Estas são bolhas. Uma bula é um pedaço de argila colocado sobre uma carta, um documento de papiro, para selar o barbante que envolveria o documento.

Você pode ver na imagem que há nomes impressos na argila que teriam sido gravados ao contrário no selo que foi colocado na argila antes de endurecer. Aqui temos os nomes dos indivíduos: Huckel, filho de Shomaías, e Gedalias, filho de Pasur. Problema? Sim, é algo muito importante se você está lendo Jeremias.

Assim, em Jeremias 37 e 38, temos um grupo de oficiais, quatro oficiais que vêm a Zedequias e fazem uma petição contra este Jeremias antinacionalista, que está expressando alguns sentimentos pró-babilônicos. Ele está dizendo, você sabe, a cidade está condenada, renda-se aos babilônios. E esses caras tentam colocar Jeremias em apuros.

Eles tiveram sucesso até certo ponto porque o jogaram em uma cisterna. Bem, dois desses indivíduos não são outros senão Huckel, filho de Shomaiah, e Gedalias, filho

de Pasur. Então, temos as assinaturas, essencialmente, de pessoas físicas. Para ser mais dramático, a mão que provavelmente segurou o selo que empurrou esse barro provavelmente apertou a mão de ninguém menos que o bíblico Jeremias.

Então isso é muito emocionante. Que elogio. Então, temos elogios gerais.

Também temos elogios específicos. Então isso é arqueologia unilateral, e a Bíblia pode se relacionar. Outro está no reino da clareza.

Então, podemos ter uma relação esclarecedora da Bíblia, desculpe, arqueologia com a Bíblia, na medida em que algo que desenterramos nos ajuda a entender melhor algo que estava um pouco confuso na Bíblia, no nosso entendimento. Então, estes podem ser históricos, podem ser culturais, podem ser algo que pertence à prática dos antigos israelitas. Então, aqui está um dos meus favoritos.

Não é incrível? Você acredita que eles encontraram isso? Querendo saber o que é, provavelmente. Bem, este é um modelo de fígado, um modelo de fígado de argila. E encontramos vários deles em todo o mundo antigo, alguns até em bronze.

São modelos de fígados de ovelha, com furinhos e uma grade. E estes são pensados, temos algumas inscrições em alguns deles.

Pensa-se que sejam modelos, modelos de fígado, para treinar adivinhos na prática do êxtase, que é olhar para as entranhas de um animal sacrificial para adivinhar o futuro, para descobrir o que vai acontecer. Isto é muito popular na Mesopotâmia, em particular. Temos instruções sobre o que devem procurar, anomalias na forma do fígado, particularmente no lóbulo do fígado, e com certeza, vendo-as como presságios do que está por vir.

Então, qual é o problema? Bem, mencionamos esta prática em Ezequiel capítulo 21, onde fala dos babilônios usando fígados e adivinhação, mas também ajuda a explicar uma proibição peculiar nos textos do Pentateuco. Temos nove vezes em Levítico e duas vezes em Êxodo nas instruções sacrificiais, instruções específicas para queimar o lóbulo do fígado como parte das miudezas que são queimadas e consumidas diante do Senhor. Então, aparentemente, isso é para evitar qualquer tipo de abuso de olhar para o fígado para tentar descobrir o futuro, porque na visão bíblica das coisas, o futuro pertence somente a Yahweh.

A adivinhação é proibida em muitos textos do Antigo Testamento. Assim, a arqueologia nos forneceu alguma clareza com esta prática de adivinhação a partir do fígado. Assim, na maioria das vezes, quando as pessoas falam, especialmente aqueles de nós que vivem em contextos de fé, sobre a relação entre a Bíblia e a arqueologia, paramos nestes dois primeiros C's.

Mas há um terceiro C, e esse seria o C da complicação. É quando desenterramos algo no solo, ou não desenterramos algo que gostaríamos, e aparentemente o que encontramos ou não encontramos entra em conflito com a nossa compreensão da Bíblia. Então, um caso clássico é uma foto tirada no local de Jericó, em torno da qual há muito debate, e o veredicto ainda permanece. Há escavações em andamento, mas quando ficou famoso pela primeira vez nas escavações de John Garstang na década de 1930, estava em todos os jornais, Joshua's Walls Found.

E então, algumas décadas depois, Dame Kathleen Kenyon veio e disse, uh-uh, você entendeu o período de tempo errado e, na verdade, essas paredes existiam muito antes de qualquer época específica de Josué, e não há nada lá. E então você tem alguns arqueólogos, Bryant Wood na década de 1990, engajados, revivendo o debate com base em um estilo particular de cerâmica que estava presente e que Kenyon ignorou. Mas então a datação por radiocarbono empurrou de volta ao que Kenyon tinha, e o debate continua.

Hoje, alguns chamarão isso de a maior decepção na arqueologia bíblica, onde parecia que se encaixava, e depois foi separado disso. Neste momento estão a decorrer escavações levadas a cabo por uma equipa conjunta italiana e palestina, por isso talvez tenhamos mais clareza no futuro. Mas permanece o facto de que certos acontecimentos da Bíblia carecem do tipo de confirmação arqueológica que gostaríamos.

E alguns deles são grandes, como o Êxodo. Falaremos sobre isso chegando. Mas não há nenhuma evidência inequívoca de que o Êxodo tenha acontecido.

Agora, falarei sobre isso a seguir, mas então me contarei no que direi sobre isso. Mas temos que contar com a complicação que é criada por coisas encontradas ou não encontradas que alguns de nós gostariam de enterrar no chão, ou talvez usar o Photoshop e criar aquela roda de carruagem no fundo do Mar Vermelho. Mas penso que cada um destes mares refina e enriquece a nossa compreensão da Bíblia.

Portanto, os dois primeiros são bastante óbvios e nós os celebramos. Eles demonstram repetidas vezes que a Bíblia se adapta perfeitamente ao mundo antigo. Mas mesmo nesse terceiro mar, acho que podemos comemorar.

Saí deste terceiro mar de complicações, mantendo-me acordado à noite, imaginando como posso fazer isso funcionar, e então me sentindo humilde ao lembrar que esta não é minha Bíblia; estes não são meus restos mortais. E para aqueles de nós que colocam nossa fé e confiança em Deus e em sua soberania, está tudo bem. Afinal, somos humanos.

Alguma complicação é uma boa coisa para nos lembrar de quem somos. Não precisamos inventar evidências. Na verdade, quando fazemos isso, acabamos envergonhando a fé que proclamamos.

Tive muitas conversas com pessoas que conhecem meus compromissos de fé e apontarei algumas dessas complicações, e eu diria, sim, você está certo. Vamos conversar a respeito disso. Então, você tem caminhos e oportunidades maravilhosos para se envolver em discussões sobre complicações, e mesmo essas podem levar a novas conversas sobre por que então eu proclamaria minha fé em Jesus, o que faço se não estiver tudo comprovado e descoberto.

Então, acho que a honestidade, independentemente disso, é sempre o melhor caminho a seguir. E então abraçar e até mesmo ser humilhado por este terceiro C é uma coisa boa. Então, à medida que avançamos aqui, daremos uma olhada em um pouco da história e da cultura do antigo Israel durante os diferentes períodos de tempo principais, depois de falar sobre métodos específicos de arqueologia e como fazemos arqueologia, e abordaremos esses três C's no processo.

Então, fique ligado e espero que você acompanhe o próximo.

Este é o Dr. Jonathan Greer e seus ensinamentos sobre Arqueologia no Antigo Testamento. Esta é a sessão 1, Introdução à Arqueologia e ao Antigo Testamento.